As duas horas finais

GUSTAVO KRIEGER

BRASÍLIA – Durante quase duas horas, Jader Barbalho presidiu a sessão do Senado como se ontem fosse um dia comum. Da cadeira central da mesa diretora, quase três metros acima do plenário, chamou os oradores inscritos e presidiu a votação dos projetos que estavam na ordem do dia. Por ironia, o último a entrar em pauta foi um requerimento de urgência para autorizar empréstimos ao governo da Bahia, feudo de seu maior inimigo, o ex-senador Antonio Carlos Magalhães. Só depois de esgotar a pauta, dirigiu-se à tribuna do Senado. Leu um comportado discurso de 19 páginas e comunicou o que toda a platéia esperava. Jader Barbalho foi o primeiro presidente na história do Senado a renunciar ao cargo. O discurso terminou sem apartes nem aplausos.

Jader chegou ao plenário às 14h30, quando apenas sete dos 81 senadores ocupavam seus lugares. As galerias, ao contrário, estavam lotadas. Jornalistas, assessores, deputados federais e curiosos disputavam lugares em pé. A platéia teve de presenciar diversos discursos, que abordaram do racismo aos atentados nos Estados Unidos. Quando Jader começou seu discurso, 73 senadores tinham marcado presença.

“Vingança” – O senador paraense usou a mesma tribuna da qual ACM pronunciou seu discurso de renúncia. E apontou o baiano como grande responsável por seus problemas. Jader disse que as denúncias contra ele começaram quando foi eleito presidente do Senado, contra a vontade de Antonio Carlos. “O fato de ter derrotado o político mais influente da República deu origem à sede de vingança, à guerra suja através da imprensa.”

Quem esperava a repetição do estilo raivoso adotado por Jader nos embates de plenário com ACM ficou sur-

preso. O senador optou por um tom quase técnico, já pensando no processo de cassação que deve enfrentar no Conselho de Ética. Repetiu várias vezes que é vítima de uma perseguição política e que não há provas das acusações. Jader foi firme ao falar sobre a denúncia mais grave que enfrenta: a de se beneficiar de recursos desviados do Banpará, quando era governador. “Disse e repito: não usei nenhum recurso do Banpará em minhas contas pessoais e minha movimentação financeira, há 17 anos.”

Decoro – Essa negativa tornou-se o grande problema de Jader. Uma comissão de senadores concluiu que Jader foi o grande beneficiário dos desvios do Banpará, mas ele não poderia ser cassado por isso, porque as fraudes ocorreram antes de sua eleição para o Senado. Por outro lado, ao negar o envolvimento, Jader teria mentido ao Senado. A mentira é quebra de decoro parlamentar e justifica a cassação.

“Considero uma ignomínia a acusação de que menti por recusar-me a assumir ato que não pratiquei”, reclamou Jader. Ele lembrou que a Constituição garante a quem é acusado o direito de não falar nada que possa incriminá-lo. Foi mais longe, e se descreveu como um mártir. “Para atender ao Código de Ética e Decoro Parlamentar, devo comportar-me como Galileu Galilei, ao enfrentar o tribunal da Inquisição?”, questionou. Lembrou que o cientista escapou da morte ao negar sua crença de que a Terra se movia em torno do Sol, ao contrário do que pensava a igreja.

Ao final, Jader deixou a tribuna e foi sentar-se no plenário. Edison Lobão leu o texto que se assemelha a uma sentença: “A renúncia do senador Jader Barbalho à presidência do Senado foi recebida e se tornará irretratável quando for publicada no *Diário Oficial do Congresso*.”